

## **POR QUE OS JUDEUS NÃO ACREDITAM EM JESUS?**

Uma resposta judaica messiânica

www.haazinu.com.br

Circula pela Internet um artigo do Rabino Shraga Simmons (Aish.com), onde se apresentam os pontos pelos quais, segundo o mesmo, os judeus não acreditam em Jesus. Este artigo é uma resposta Judaica Messiânica aos argumentos propostos pelo referido artigo.

### **Entre o Judaísmo e o Cristianismo**

Qualquer judeu que comece a ler os escritos do chamado “Novo Testamento”, perceberá (apesar de algumas adições cristãs posteriores anti-semitas, substitucionistas e trinitarianas), que se trata de escritos judaicos, falando sobre problemas judaicos sobre a relação judeus-gentios. Não se fala em Cristianismo, e sim em Judaísmo. Não são uma instituição chamada Igreja Católica (como surge no início do século II, com o bispo gentio Inácio de Anquioquia), e sim uma seita (partido) do Judaísmo. A seita dos Notzrim (Nazarenos – At 24.5) ou seita do Netivyah (Caminho de D’us – At 18.27; 22.4; 24.14).

Além de judeus, todo os primeiros discípulos do Rabi Yeshua HaNotzri eram zelosos da Torá (At 21.20). E mesmo o tão mal interpretado Rav Shaul (a quem por conveniência vocálica, os gentios chamavam de Paulo), era zeloso da Torá e jamais pregou contra a mesma (At 21.20-24). O que Rav Shaul condena é o legalismo e a idéia de que praticas exclusivamente rabínicas (“Obras da Lei” – Ma’assei HaTorá) fazem com que o judeu se torne justo.

*“O mais estranho é que nas fontes rabínicas primitivas, até o fim do século II, nada se diz contra a pessoa de Jesus ou contra a fé que ele fizera surgir. Até mesmo o argumento de que ele era um feiticeiro só aparece mais tarde (Mt 12.24 e trechos paralelos não parecem ser decisivos). Antes somos informados apenas de que alguns rabinos se opuseram ao exorcismo em seu nome” (FLÜSSER, 2002, p. 185)*

Mesmo quando o Cristianismo surgiu, provavelmente como resposta às medidas ofensivas do Beit Din de Yavne em relação à comunidade messiânica, entre o final do século I e início do II (e que cedo se ramificou em muitos grupos distintos), os judeus que criam em Yeshua o rejeitaram radicalmente, como a própria história do Cristianismo testemunha:

*"Mas estes sectários... não se chamavam de cristãos - mas de 'nazarenos'... contudo, são simplesmente judeus completos. Eles não só usam o Novo Testamento como também o Antigo Testamento, como o fazem os judeus... Eles não possuem diferentes idéias, mas confessam tudo exatamente como a Torá descreve e na forma judaica - exceto, porém, por sua crença no Messias. Pois eles reconhecem tanto a ressurreição dos mortos quanto a criação divina de todas as coisas, e declaram que D'us é Um, e que Seu Filho é Yeshua o Messias. Eles são bem treinados no hebraico. Pois dentre eles a Torá inteira, os Neviim (Profetas) e... os Chetubim (Escritos)... são lidos em hebraico, como certamente o são entre os judeus. Eles são*

*diferentes dos judeus, e diferentes dos cristãos, apenas no seguinte: Eles discordam dos judeus porque chegaram à fé no Messias; mas como eles ainda estão na Torá - circuncisão, o Shabat, e o restante - eles não estão de acordo com os cristãos... eles não são nada mais do que judeus... Eles possuem as Boas Novas de acordo com Mattityahu completamente em hebraico. Pois está claro que eles ainda preservam-nas no alfabeto hebraico, tal qual foram escritas originalmente." (Epifânio; Panarion 29)*

Ou seja, em relação ao Cristianismo (que tem origem fora da Comunidade Judaica) o artigo do Rabino Shraga Simmons está correto. Os judeus fieis à D'us sempre rejeitaram, e sempre rejeitarão o Cristianismo, pois o mesmo não é adequado para judeus. E é justamente neste ponto que reside o problema, pois Yeshua e seus discípulos não criaram o Cristianismo <sup>1</sup>. Yeshua e seus discípulos pregaram o Judaísmo! Eles não fundaram uma religião. Era o mesmo Judaísmo que seus contemporâneos! Entretanto haviam podres no Judaísmo Antigo que precisavam ser denunciados, haviam mentiras que precisavam ser erradicadas, haviam idéias estranhas à Torá que precisavam ser rejeitadas. E isso é o que o Judaísmo pregado por Yeshua e seus Shelichim fez, buscar a restauração do Judaísmo pregado por Moshe, Ezra e os profetas.

Como vemos, o Judaísmo Antigo (que não é igual ao Judaísmo Ortodoxo Moderno em muitos pontos) não fez oposição radical aos judeus messiânicos (termo moderno para designar os da ramificação do Judaísmo que crê em Yeshua). Grande parte destes eram fariseus, rabinos de destaque. E não eram poucos, pois entre o final do século I e o início do século II, chegaram mesmo a propor a inclusão de um "evangelho" no cânon oficial da Bíblia Hebraica (BRUCE, 1990, p.133).

Fica claro, portanto, que o Cristianismo não é a fé dos discípulos de Yeshua, e sim uma fé posterior que, embora guarde vestígios e essências da pregação dos discípulos, nasceu num contexto gentílico e em geral (embora não em absoluto) anti-semita. Yeshua e seus discípulos ensinavam o Judaísmo. Frequentavam as Sinagogas Judaicas, estudavam e praticavam a Torá, viviam a fé dada por D'us por meio de Moisés. Tanto eram zelosos da Torá e das boas tradições, que até o final do século II, não há absolutamente nada contra os mesmos nas fontes rabínicas. Este é o testemunho do Judaísmo a respeito destes judeus, falsamente acusados pelo Judaísmo Moderno de abandonar o Judaísmo.

## **Refutação dos Argumentos Equivocados**

### **1. JESUS NÃO PREENCHEU AS PROFECIAS MESSIÂNICAS**

Para começarmos a conversa, é bom destacar de início que as fontes rabínicas antigas concordam com praticamente todas as citações das profecias feitas

---

<sup>1</sup> Embora se sendo corrigidos os equívocos teológicos e removendo raízes pagãs, seja uma forma de prática religiosa legítima e perfeitamente cabível para os discípulos gentios, pois estes não tem compromisso com a Torá integral.

nos escritos da Brit Chadasha (Novo Testamento). Esta é a parte que os rabinos ortodoxos não gostam de citar: que a tradição judaica tem margem para a apologia do Judaísmo Messiânico como legítima ramificação do Judaísmo, incluindo suas alegações sobre o Mashiach.

Se examinarmos as passagens do Tanach (equivocadamente chamado de Antigo Testamento pelos cristãos) apontadas como messiânicas, contaremos mais de 456. E a aplicação messiânica das mesmas é apoiada por mais de 558 referências nos escritos rabínicos mais antigos... Todas as principais suposições da Brit Chadashá referentes ao Mashiach são amplamente apoiadas pelas declarações rabínicas!

O que a Torá diz, e o que os rabinos entendiam sobre a natureza da manifestação do Messias?

Daniel (7.13,14) diz:

*“Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e vi que vinha nas nuvens do céu um como o filho do homem. Ele se dirigiu ao Ancião de Dias, e o fizeram chegar até ELE. Foi-lhe dado o domínio, a honra e o reino; todos os povos, nações e línguas o adoraram. O seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e o seu reino é o único que não será destruído”.*

Mas Zachariah (9.9) diz:

*“Alegra-te muito, ó Filha de Sião! Exulta, ó filha de Jerusalém! Vê! O teu rei virá a ti, justo e Salvador, humilde, montado em jumento, num jumentinho, filho de jumenta.”*

Mas isso parece uma contradição! Como? Rabi Yehoshua Ben Levi também percebe tal contradição, e procura a solução do mistério (TB San'hedrin 98a):

*“Rabi Alexandre disse: Rabi Yehoshua Ben Levi apontou uma contradição. Como está escrito, em seu tempo [o Messias virá], enquanto também está escrito, Eu [o Senhor] apressarei isto! — se eles merecem, Eu apressarei isto: se não, [Ele virá] no seu devido tempo. Rabi Alexandre disse: Rabi Yehoshua opôs dois versos: como está escrito: E vede, um como o filho do homem sobre as nuvens do céu enquanto [de outro modo] está escrito: [vede, Seu Rei vem a ti...] humilde e montado sobre um jumento — se eles merecem, [Ele virá] nas nuvens do céu; se não, humilde e montado sobre um jumento.”*

Como vemos isso é uma questão levantada no Judaísmo. Estas manifestações do Mashiach são denominadas no Judaísmo Antigo como “Mashiach Ben-Yossef” e “Mashiach Bem-David”. Isso não é cristão! Isso é Judaísmo. E exatamente por isso, um judeu que crê que em Yeshua como Mashiach, continua tendo uma fé plena e puramente judaica.

Então Yeshua cumpriu tudo que o Mashiach deveria atingir? Como Mashiach Ben-Yossef, sim! Cumpriu como nunca em toda a história do povo judeu, qualquer candidato à Mashiach conseguiu cumprir.

Como podemos ver o argumento moderno de que as citações apontadas como messiânicas no Tanach são equívocos de interpretação, não eram vistas desta

forma pelos antigos rabinos, guardadores da legítima tradição judaica, que usavam o mesmo método (judaico) presente nos escritos da Brit Chadashá.

Se é ignorância ou hipocrisia de muitos rabinos em relação a estas coisas, não podemos afirmar. Entretanto temos rabinos ortodoxos, como Jacob Neusner, que mesmo sem crer em Yeshua, reconhece a plena judaicidade dos Escritos da Brit Chadashá, bem como a autenticidade judaica do Midrash usado na mesma (NEUSNER, 1993).

Como sabemos o PARDES é a tradicional “exegese rabínica” desde tempos antigos, e os rabinos que negam o PARDES, negam a legítima tradição judaica, e por conseqüência, negam o autêntico Judaísmo. Recomendo aos judeus que desconhecem o PARDES, que façam uma pequena pesquisa sobre o mesmo antes de criticar os judeus que crêem em Yeshua.

Neste ponto, concordamos plenamente com a afirmação “O fato histórico é que Jesus não preencheu nenhuma destas profecias messiânicas”, pois os quatro pontos que o Messias deveria atingir (conforme o referido artigo) dizem respeito à vinda de Mashiach como Ben-David, e não como Ben-Yossef. Isso obviamente não causava nenhum espanto entre os antigos rabinos, pois embora não crendo em Yeshua, criam nas mesmas profecias, conforme a mais pura tradição rabínica.

## **2. CRISTIANISMO CONTRADIZ A TEOLOGIA JUDAICA**

Embora seja difícil dizer “Cristianismo” (o certo seria dizer “Cristianismos”, mas isso causaria ainda mais confusão), devido à pluralidade de crenças e prática que envolveu a nomenclatura no decorrer dos séculos, consideremos as crenças comuns aos grupos como sendo o “Cristianismo”. Assim considerando, neste ponto concordamos parcialmente com o referido autor, pois o CRISTIANISMO, de fato, contradiz muitos pontos fundamentais da teologia judaica. Mas também não podemos negar que ele guarda muitos pontos da teologia judaica abandonados pelo Judaísmo Moderno. Entretanto, independente destas questões, como já explicamos, os judeus messiânicos surgiram antes do Cristianismo e não tem, nem nunca tiveram qualquer relação direta com a origem e institucionalização do mesmo. O que o Cristianismo estabeleceu em seus Concílios, Credos, Confissões, ou o que quer que seja não tem absolutamente nada a ver com o Judaísmo Messiânico.

### **a - D'us em três?**

O problema aqui é justamente que os escritos da Brit Chadasha não afirmam que exista uma trindade. O texto citado sobre “o Pai, o Filho e o Espírito Santo” (Mt 28.19), segundo o brilhante pesquisador judeu, David Flüsser, é uma inclusão feita por Eusébio na tradição textual, forçada pela Igreja Católica (fundamentalmente por meio de Atanásio), por ordem de Constantino (FLÜSSER, 2001, p. 156). Assim como este texto, todas as referências onde se defende a trindade nos escritos da Brit Chadasha (NT) são adulterações de

códices católicos ou são equívocos de interpretação por se ignorar o contexto judaico.

Interessante é que a própria Igreja Católica antes do Concílio de Nicéia, de forma geral, não cria na trindade. Segundo o teólogo judeu Richard Rubenstein, “Ário contava com o suporte de quase todos os bispos orientais, inclusive com aqueles que tinham a reputação de teólogos renomados” (RUBENSTEIN, 2001, p. 87). Com isso vemos que os trezentos bispos reunidos por Atanásio para afirmar a deidade de Jesus não eram tão significativos como afirma a Igreja Católica, pois quase todos os bispos eram contrários à Doutrina da Trindade. Para melhor entendimento, leia “Quando Jesus se tornou Deus” de Richard Rubenstein.

É bom destacar aqui um texto muito citado e muito pouco entendido: “No princípio era o verbo, e o verbo estava com Deus e o verbo era Deus” (Jo 1.1). Mas para evitar equívocos, passemos para uma linguagem mais judaica: “No princípio era o Memra, e o Memra estava com Elohim, e o Memra era Elohim”. Se entendemos como os antigos rabinos entendiam o Memra, não há qualquer trindade aqui. A voz, a palavra de Elohim é vertida para o aramaico como Memra pelos antigos rabinos. Sempre aparece na Torá: “A Memra de Yah falou a Moshé”. Mas não era D’us que falava com Moshé? Então a Memra de Yah, era Yah falando. Mas a Memra de Yah estava com Yah, e não era a mesma pessoa, ou o mesmo ser. A Memra de Yah falava em nome de D’us, a Memra de D’us falava sua vontade, portanto quando ouvíamos a Memra, ouvíamos D’us. Isso todos os antigos rabinos sabiam, entendiam, e ensinavam. Esta “representação” não é trindade, e sim um conceito conhecido no Judaísmo Antigo. Yohanan simplesmente diz o que todos os antigos rabinos diziam, que o Mashiaich é o Memra de Yah. Isso não contradiz o Shemá e ainda confirma a Torá e o Tanach: “Mas em Memra de IHVH toda a descendência de Israel será justificada.” (Targum Yonatan para Isaías 45:25)

Para decepção dos trinitarianos, o próprio Yeshua afirmou que “a vida eterna é esta: que conheçam a Ti, [Joh Pai], o Único D’us verdadeiro, e a Yeshua HaMashiach, a quem enviaste” (Jo 17.3). Quando se diz Único, excluimos todos os outros!

Entretanto, se por um lado o Trinitarianismo Popular corre sérios riscos de idolatria, por outro lado o Trinitarianismo Histórico (embora bastante distinto do Judaísmo e estranho ao mesmo), não pode ser considerado idólatra dentro da teologia judaica.

*“As Doutrinas da Encarnação e Trindade são descritas no pensamento judeu como Shittuf: ‘participação’ ou ‘associação’. O cristianismo é visto como ensinando que Yeshua ‘participa’ da divindade que por direito pertence somente a Deus (i.e. na terminologia cristã, somente a Deus Pai); um ser humano é erroneamente elevado à posição de Deus e como tal venerado. Na Idade Média, as opiniões entre os escritores judeus dividiram-se entre isto constituir ou não idolatria; hoje com certas exceções, os pensadores judeus concordam em que Shittuf não impede o cristianismo de se uma religião monoteísta, não-idólatra” (STERN, 1989, p. 85)*

## **b - Um homem como deus?**

O que os cristãos acreditam ou deixam de acreditar, diz respeito a eles. Yohanan (João) transcreve a palavra de Yeshua: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10.30). Qual o problema? No casamento não se diz que o homem e a mulher se tornam um? E os dois deixam de ser distintamente quem são? Yeshua está dizendo que ele e o Pai são um no propósito, pois o Filho revela em suas práticas, a vontade do Pai. Isso não é trindade! Mais interessante ainda é que um pouco adiante no livro, Yeshua diz ora para que aqueles que crerem nele sejam UM com o Pai assim como Ele é um (Jo 17.20, 21). Então temos uma “trindade” de milhares ou milhões? Acho que temos é um grande equívoco interpretativo aqui.

Quando Yeshua é acusado de se fazer D’us, ele responde num contexto puramente do Tanach, citando Tehilim (82), onde os juizes são chamados de Elohim. Estão exercendo um atributo de Elohim (julgar) e são chamados de Elohim. Isso não os torna *Adonai Elohenu*, ou torna? Ser divino é possuir atributos divinos, que vem de HaShem. O Mashiach é uma Emanação do Eterno, e não propriamente o Eterno.

## **c - Um intermediário para a oração?**

Confessar para padres é algo exclusivamente católico, e jamais existiu tal coisa no Judaísmo pregado pelos discípulos de Yeshua. Então não precisamos nem argumentar a respeito. Já a citação “ninguém vem ao Pai a não se por mim”, é uma citação que deve ser entendida dentro de seu contexto.

Se Yeshua era o Memra de Yah, então suas palavras eram os ensinamentos da Torá. Ele diz: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14.6). Mas nós sabemos que a própria Torá se diz Caminho, Verdade e Vida. Então o que ele queria dizer? Simplesmente: Eu sou a encarnação da Torá, eu sou a Torá encarnada. E isso é algo bem conhecido no Judaísmo Antigo. Então em outras palavras Yeshua está dizendo: “ninguém vem ao pai a não ser por sua Torá, e eu ensino com fidelidade à Torá. E mais, eu fui a voz e palavra de D’us ao dar a Torá no Sinai. Nenhum de vocês irá ao Pai a não ser por meio do que o Pai falou por meio de mim”.

Mas apesar desta citação ser inexata, existe mediação em alguns casos. O Dr. David Stern afirma:

*“Os judeus supõem que são cristãos as idéias de reparação vicária e mediação entre Deus e o homem, mas são totalmente judaicas, ilustradas no Tanakh pelos sacrifícios de animais e os sacerdotes respectivamente.”*  
(STERN, 1989, p. 89).

Yeshayahu diz: “Mas as vossas iniquidades fazem separação entre vós e o vosso D’us, e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que não vos ouça” (Is 59.2). Se há pecado, e não há acesso, há necessidade de um mediador, que remova o pecado e libere o acesso ao pai. Então é por meio desta mediação que é dito: “D’us está perto de todos que clamam por Ele”

(Tehilim 145:18). Pois, como estaria perto quando há iniquidade? Podemos então chamar de idolatria um conceito judaico que tem suas raízes no Tanach?

No Machzor, no serviço de Mussaf para Yom Kippur, lemos uma oração conhecida como **Az Milifnei Brechit**, onde se diz:

*“Fomos exilados de nossa terra e removidos para longe do nosso solo natal por causa dos nossos pecados. Agora não podemos desempenhar nossas atividades na Casa que escolheste e no esplendoroso e santo Templo, sobre o qual o Teu Nome foi evocado, por causa da mão que estava estendida contra o Teu Santuário.”*

*“Nosso justo Messias afastou-se de nós; o horror tem se apoderado de nós e não temos quem nos justifique. Ele suportou o jugo de nossas iniquidades e nossas transgressões e é ferido por nossas transgressões. Ele leva os nossos pecados sobre seus ombros para obter perdão das nossa iniquidades.”*

*“Seremos curados por suas feridas quando o Senhor o fizer uma nova criação. Oh, Senhor, levanta-o dede Seir, para congregar-nos mais uma vez sobre o Monte do Líbano, pela mão de **Yinon**”*

Segundo o Talmud (TB San'hedrin 98b) Yinon é um nome do Messias. Será que o Judaísmo não crê na mediação? Ou será que os rabinos modernos querem que ele não creia? O Machzor (conferir o *Machzor Rosh HaShanah e Yom Kippurim*, publicado pela Hebrew Publishing Company, NY), agora na parte referente ao Rosh HaShaná, ainda conta com outra oração que aponta para outro nome do Messias:

*“Que seja agradável na Tua presença que o tocar (do Shofar) que tocamos... Seja aceito pela mão de Eliyahu, cuja memória seja abençoada pela mão de **Yeshua**, o príncipe da Face (presença)... Bendito és Tu, Senhor das Misericórdias”*

Durante séculos os judeus ortodoxos tem feito esta oração. E muitas outras semelhantes a estas são feitas. O Judaísmo não crê em mediação? Então não estamos falando do Judaísmo do Talmud, nem do mesmo Judaísmo do Sidur, nem do Machzor e muito menos do Judaísmo da Torá e dos Profetas.

#### **d - Envolvimento no mundo físico**

Neste ponto não precisamos argumentar, pois Judaísmo Messiânico é Judaísmo. O argumento aqui é contra um conceito exclusivamente do Cristianismo. Os conceitos do Tanach devem ser mantidos na Brit Chadasha, pois a Brit Chadasha nada mais é que a Torá escrita nos corações (Jr 31.31 ss).

### **3. JESUS NÃO PERSONIFICA AS QUALIFICAÇÕES PESSOAIS DO MESSIAS**

Sabemos que os conceitos de Messias não eram uniformes no decorrer da história do Judaísmo e que o conceito atual de Messias no Judaísmo Ortodoxo desenvolveu-se com objetivo de refutar a messianidade de Jesus (não digo

Yeshua, pois no século I e II, quando Yeshua era anunciado dentro do Judaísmo, não havia este problema entre os judeus). Entretanto, alguns pontos originais foram mantidos no Cristianismo, embora em uns pouco e outros mais distorcidos. E estes ganharam opositores dentro do Judaísmo. Estes opositores mudaram o conceito de Messias que existia no Judaísmo Antigo, que ainda era pregado mesmo na era talmúdica, como podemos verificar ao ler tratados como o de San'hedrin.

### **a - Messias como profeta**

Quem define o tempo da Profecia é D'us e não o povo. Se alguém apresentar as qualificações de profeta, este alguém é um profeta independente de interpretações equivocadas feitas por algum Rabino. Bem afirmou Maimônides que "Há tantas opiniões diferentes sobre Profecia, como a respeito da Eternidade ou Não-Eternidade do Universo" (MAIMONIDES, 1995, p. 13). Assim sendo o que vai além da Torá não pode ser afirmado categoricamente como sendo a posição oficial do Judaísmo.

Na Torá D'us afirma que levantaria um profeta semelhante à Moshe dentre seus irmãos (Dt 18.15). Isso significa que a profecia de Mashiach deve ser como a de Moshé e não como a dos profetas nos quais D'us fala por visão ou sonho (Nm 12.16).

*Qual a diferença entre a profecia de Moisés e a dos outros profetas? Em todos os [outros] profetas [um discernimento divino lhe é concedido] num sonho ou visão. Moisés, nosso mestre, se encontrava desperto quando profetizava, como está escrito [Nm 7.89]: "Quando Moisés entrava na tenda da Assinação para falar com Ele [D'us], ouvia a Voz falar com ele"*

[...]

*Todos os outros profetas não podem profetizar quando querem. Moisés, nosso mestre, era diferente. Quando desejava, o Espírito Sagrado o envolvia, e a profecia recaía sobre ele. Ele não precisava se concentrar nem se preparar [para a profecia], porque [sua mente] estava centrada e pronta [para apreciar a verdade espiritual] como os anjos. (MAIMONIDES, 1995, pg. 35, 36)*

Mas como sabemos ser alguém um profeta? Quais as qualificações? Maimônides explica:

*Nem todos os que realizam prodígios ou milagres devem ser aceitos como profetas: apenas aquele indivíduo que já sabemos de antemão ser capaz para a profecia; i.e., sua sabedoria e suas [boas] ações superam as de todos seus contemporâneos. Se ele segue os caminhos da profecia em santidade, separando-se dos assuntos mundanos, depois realiza um milagre ou prodígios e afirma que foi enviado por D'us, é uma mitzvá escuta-lo, como [Deuteronômio 18.15] está escrito: "A ele ouvireis" (MAIMONIDES, 1995, p. 37)*

Não há acusações contra Yeshua até o final do século II nas fontes rabínicas, e isso por si já serve por testemunho a seu favor. Sua sabedoria era e é notavelmente reconhecida, bem como suas boas ações. Sua prática da Torá era condenada por fariseus hipócritas, e não pelos fariseus idôneos. O próprio



Rabban Gamaliel, neto de Hillel, não se manifestou contra o Judaísmo ensinado por Yeshua e vivido por seus discípulos (At 5.34-40). Yeshua tinha todos o requisitos para ser um profeta, e isso só pode ser negado por alguém que nunca o estudou com sinceridade.

### **b - Descendente de David**

Ainda que se diga que o Messias deve ser descendente de David pelo lado paterno, isso não apresenta qualquer problema. Nunca houve no Judaísmo Antigo qualquer oposição ao fato de Yeshua ser da Casa de David, e muito pelo contrário, segundo Joseph Klausner e muitas outras autoridades, a expressão *Mecurav Le'Malchut* aplicada a Yeshua no Talmud demonstra que ele era da Casa de David.

O fato de uma virgem conceber foi indagado pela própria Miriam (Maria), quando noiva de Yossef (Lc 1.34) e o anjo disse que “para D’us nada é impossível” (Lc 1.37). Em tempos modernos onde existe a inseminação artificial não deveria causar espanto o fato de uma virgem conceber e dar a luz. Os gens de Yossef certamente foram transportados pelo Ruach HaKodesh para o ventre de Miriam. Assim sendo, Yeshua era filho de Yossef, e descendente do lado paterno de David. Em Mattityahu (Mt) está sua genealogia natural, e em Lucas por levirato, como era feito no Templo de Jerusalém.

Por volta do ano 200, Sextus Julius Africanus informa que eram "mantido guardados os registros da genealogia da família de Davi com muito cuidado" na cidade de Nazaré (História da Igreja 1.7.14). Estes registros eram iguais aos do Templo e certamente muitos, senão todos os inimigos de Yeshua tiveram acesso aos mesmos, pois que prova melhor podemos querer contra um candidato à Mashiach que não pertencer legitimamente à Casa de David? Mas nada se testemunha contra tal fato: Yeshua era da Casa de David.

### **c - Observância da Torá**

A não ser com equívocos de interpretação ou adulterações em manuscritos, os escritos da Brit Chadasha não contradizem a Torá e nem afirmam que a Torá não se aplica mais. O ponto em questão é o que o Cristianismo (como instituição) fez com a Brit Chadasha, e não o que ela é por si mesma. Pesquisadores judeus como David Flüsser, Joseph Klausner, Geza Vermes, Yehuda Liebes, Shmuel Safrai e outros que realizaram trabalhos excepcionais sobre a ótica judaica do “Novo Testamento”, removendo muito do lixo que se acumulou no decorrer dos séculos. Pesquisadores excepcionais como o Rav Joseph Shulam, do Netivyah Bible Instruction Ministry – Jerusalém, certamente podem esclarecer facilmente todos os pontos controversos e mal interpretados.

Yeshua nunca foi acusado de violar a Torá nos primeiros séculos, então, qual autoridade rabinos posteriores que se defendiam do Cristianismo (e não do Judaísmo Messiânico) tem para testemunho? Examinem corretamente a Brit Chadasha e verão que Yeshua cumpriu e ensinou cumprir a Torá em sua forma mais pura e inequívoca.

## 4. VERSÍCULOS BÍBLICOS "REFERINDO-SE" A JESUS SÃO TRADUÇÕES INCORRETAS

Nas Bíblias Cristãs há certamente muitas traduções incorretas. Mas isso não é pior que os erros e inserções nas traduções Judaicas tradicionais. Textos onde todas as fontes rabínicas antigas atestam um sentido são traduzidos de forma claramente errada ou com interpolações estranhas, simplesmente para refutar as possibilidades de uma messianidade de Yeshua.

### a - Nascimento virgem

A crença de que o Messias nasceria de uma virgem não é cristã, mas exclusivamente judaica. Em 250 AEC os 72 sábios rabinos que traduziram a Bíblia Hebraica para o grego (LXX, a Septuaginta) verteram *almah* do hebraico para *parthenos*, que significa virgem. Isso exatamente porque compreenderam que o aspecto da profecia onde *almah* significava "mulher jovem em idade de casamento" já havia se cumprido, e agora esperavam pelo seu cumprimento mais profundo: o nascimento do Messias.

O fato de muitas tradições antigas falarem sobre um nascimento virginal de um filho de Deus não atesta uma influência e sim uma revelação original que se deturpou entre os outros povos. A idéia pagã mostra um *background* onde se esperava universalmente um redentor. Um que já havia sido prometido no Éden como descendente da mulher (Bereshit, Gn 3.15).

### b - Crucifixo

O versículo em Tehilim 22.17(6), onde se diz "Eles furaram minhas mãos e pés" tem sua originalidade atestada pela LXX (cujo texto base é 1.200 anos mais antigo que o Massorético) e pelos manuscritos do Mar Morto (100 AEC). De acordo com os Rolos do Mar Morto a palavra hebraica no salmo é kaaru (atravessar) e não ka'ari (como um leão). Igualmente a Peshita Aramea confirma o mesmo texto, não deixando margem para um equivoco.

### c - Servo sofredor

Novamente o conceito é judaico, e não cristão. Todos os rabinos antes de Rashi interpretam Yeshayahu (Is) 53 como se referindo fundamentalmente ao Messias. Mesmo no capítulo 52, o Targum de Yonathan (século IV) afirma: "Eis, meu servo o Messias...".

Um dos grandes problemas em interpretar o texto como se referindo a Israel, é que Israel é citado no texto e o servo sofredor é uma terceira pessoa no mesmo. Até mesmo Maimônides aplica o texto ao Messias, e certamente fundamentado no Talmud:

*Messias... qual é seu nome? Os Rabinos dizem, "leproso"; aquele da casa de estudo. (Rabino Yehuda Hanassi, o autor do Mishná, 135-200): seus alunos disseram o nome do Messias é "Cholaja" (o enfermo), porque diz; "certamente carregou nossas enfermidades..." (Isa.53,4). (TB Sanhedrin 98b)*

Resumindo: o Judaísmo crê que Yeshayahu 53 diz respeito ao Messias, e todos os rabinos antes de Rashi jamais afirmaram o contrário. Não somente este texto, mas praticamente todos os indicados pela Brit Chadasha como messiânicos, e chamados de “equivocos” pelo Judaísmo Moderno. Se os rabinos modernos decidiram mudar a fé que recebemos por tradição de nossos pais, que pelo menos não menosprezem aquilo que recebemos dizendo não ser Judaísmo.

## **5. A CRENÇA JUDAICA É BASEADA NA REVELAÇÃO NACIONAL**

Com milagres ou sem milagres, a tradição judaica testemunha a existência de Yeshua (embora de forma codificada e muitas vezes ofensiva). Os registros de seus discípulos podem ser confirmados por estudos de crítica textual, e são claramente judaicos. Eram amplamente conhecidos por judeus, não só em Israel, como na diáspora no século I. Um charlatão não teria gerado uma geração de discípulos zelosos da Torá (At 21.20), mas ao contrário, teria gerado iniquidade no meio do povo. Se ensinar contra os abusos rabínicos da época fazia de Yeshua um “perversor”, todos deveriam ser perversores no Judaísmo moderno hoje, pois continua havendo muito abuso pelos rabinos que se dizem guardadores da tradição judaica legítima.

Yeshua foi conhecido e reconhecido em todo Israel, e sua influência foi muito grande. Ele revelou-se nacionalmente, e foi reconhecido por muitos. Embora não para os que tinham ganância pelo poder e desejavam dominar as pessoas. Sem força e sem poder, Yeshua ganhou multidões que não só sofreram perseguição por levar sua mensagem como chegaram a morrer por ele. Sinceramente, ninguém morre por uma mentira. Ainda mais quando não ganha absolutamente nada, nenhum benefício, com isso.

A crença judaica é baseada na revelação nacional? Concordamos plenamente! E é segundo esta crença que Yeshua se manifestou na terra de Israel, entre seus irmãos israelitas.

## **6. JUDEUS E GENTIOS**

O referido artigo diz: “O Judaísmo não exige que todos se convertam à religião”. Exatamente! E foi exatamente isso que se discutiu no Beit Din dos Shelichim de Yeshua em Jerusalém, meados do I século EC.

Segundo o Rav Joseph Shulam, originalmente as leis noéticas eram apenas 3 mitzvot, e posteriormente que foram aumentadas para 7, pela halachá rabínica. Em Atos 15 encontramos 4, pois as outras 3 já eram seguidas entre os gentios a quem foi dirigida a orientação. Entretanto no decorrer das Epístolas vemos o testemunho das Sheva Mitzvot B'nei Noach.

É exatamente sobre esta não necessidade conversão ao Judaísmo que Rav Shaul (chamado entre os gentios de Paulo) fala na carta a certos prosélitos na Galácia (muito mal interpretada por quase todos). Ele diz abertamente que a

vida no Olam Habá independe de ser judeu ou gentio. E mesmo o judeu deve agir dentro da legalidade, porém sem legalismo, para não invalidar a graça de D'us. A conversão pregada pelos discípulos aos gentios era uma conversão à D'us e não ao Judaísmo. Os judeus deveriam permanecer como judeus, vivendo a Torá e mantendo sua fidelidade à Yeshua. Os gentios deveriam crer em D'us, reconhecer o Messias e viver simplesmente seus mandamentos, sendo livres para viver ou não conforme o Judaísmo.

## 7. TRAZENDO O MESSIAS

Certamente que quando Yisrael pratica a Torá está trazendo o Messias. Entretanto ouvir um profeta é uma mitzvá (Dt 18.15), e esta tem sido negligenciada em nome de uma “teologia judaica” não original.

Interessante é o testemunho do Talmud, que pode ser relacionado com Yeshua. No dia de Yom Kippur, pendurava-se um fio vermelho antes de entrar de entrar na Santidade das Santidades. Quando os pecados de Yisrael eram perdoados, este cordão se tornava branco. Nossos rabinos ensinaram que:

"Durante os últimos quarenta anos anterior da destruição do Templo, o fio escarlate não se tornou branco, nem brilhou o raio do sol mais ocidental, e as portas do Santo dos Santos se abriam por sua própria iniciativa. Por quarenta anos antes da destruição do Templo, o fio escarlate nunca se tornou branco, mas permaneceu vermelho" (TB Yoma 39 b)

Este testemunho do Talmud mostra que Yisrael não mais obteve perdão por meio dos sacrifícios no Templo desde 40 anos antes da destruição de Jerusalém. Isso é um testemunho judaico, numa fonte judaica, de que desde o tempo que Yeshua morreu, o perdão dos pecados não mais se concretizou por meio do serviço do Templo. Isso se harmoniza com o que foi anunciado por Yeshayahu, onde os pecados seriam perdoados por meio do sacrifício do Messias. E condiz com o que foi escrito aos judeus messiânicos na dispersão: “Não havendo pecado, não resta sacrifício pelo mesmo” (Hb 10.26).

Yeshua profetizou:

*“Jerusalém, Jerusalém! Que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seu pintinhos debaixo das asas, e tu não quiseste! Agora a vossa Casa ficará deserta. Pois eu vos digo que dede agora não me vereis mais, até que digais: Baruch Habá B'Shem Adonai” (Mt 23.37-39)*

E Hoshea diz:

“Porque os filhos de Yisrael ficarão por muitos dias sem rei, sem príncipe, sem sacrifício, sem coluna, sem estola sacerdotal ou ídolos. Depois tornarão os filhos de Yisrael, e buscarão ao Senhor seu D'us, e a David, seu rei. Virão tremendo ao Senhor e á sua bondade, nos últimos dias” (Os 3.4, 5)

Sim, a obediência à Torá trará o Messias. E a Torá diz: “a ele ouvireis”! (Dt 18.15)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUCE, F.F. *Merece Confiança o Novo Testamento?* 2ª Ed. Tradução de Waldyr Carvalho Luz. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1990.

FLÜSSER, David. *O Judaísmo e Origens do Cristianismo*, vol. II. Tradução de Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

FLÜSSER, David. *O Judaísmo e Origens do Cristianismo*, vol. III. Tradução de Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

MAIMONIDES, Moises. *Excerto sobre profecia & as lei dos reis*. Tradução de Alice Frank. São Paulo: Maayanot, 1995.

NEUSNER, Jacob e GREELEY, Andrew M. *A Bíblia e Nós*. Tradução de J. E. Smith Caldas – São Paulo: Siciliano, 1993.

RUBENSTEIN, Richard E. *Quando Jesus se tornou Deus*. Tradução de Marija C. Mendes. Rio de Janeiro: Fesus, 2001.

STERN, David H. *Manifesto Judeu Messiânico*. Tradução de Áurea Weissenberg e Teresinha Austregésilo. Rio de Janeiro: Edições Louva-a-Deus, 1989